

***“O senhor sabe o perigo que é viver”:
O banditismo social de Eric Hobsbawm
no sertão de Guimarães Rosa***

“You know the danger that is to live”:
The Social banditry of Eric Hobsbawm in the backlands of Guimarães Rosa

Everton Luís Teixeira¹

RESUMO: Este trabalho, por meio de uma pesquisa bibliográfica, lança mão dos pressupostos da análise comparatista ao propor um diálogo entre a historiografia contemporânea e a literatura brasileira por intermédio do exame de *Bandidos* (1969) de Eric Hobsbawm e do romance *Grande sertão: veredas* (1956) de Guimarães Rosa. Ao aproximar a sua narrativa dos métodos de pesquisa histórica, Guimarães Rosa realiza uma análise da realidade e do *modus operandi* desenvolvidos por homens comuns — os grandes protagonistas do século passado, segundo Hobsbawm. A hipótese levantada é a de que a história do Ocidente no século passado infiltra-se na particular escrita do autor de Sagarana pelo seu remoto sertão. Neste diálogo histórico-literário, busca-se a ampliação da vereda interpretativa deste romance rosiano tendo como ponto de partida o exame do “banditismo social” inaugurado por Eric Hobsbawm na década de 1950. Por outro lado, busca-se também contribuir com este ramo da história trazendo à tona a figura do jagunço mineiro, amostra de proscrito que escapou à classificação do autor de *Rebeldes primitivos*, mas que ainda assim obedece às tipologias por este estabelecidas, embora a escrita rosiana as tenha embaralhado intencionalmente. Uma vez que estes dois observadores-participantes do perigoso século XX nunca foram postos em confronto, propõe-se a sua aproximação no intuito de avançar em direção a uma compreensão mais total do sertão brasileiro que, em Guimarães Rosa, rompe com a topografia nacional, erigindo algo maior dentro do regionalismo estético: uma metonímia de todos os territórios ocidentais onde imperam a violência e os desmandos do Estado.

PALAVRAS-CHAVE: Eric Hobsbawm. Guimarães Rosa. História. Literatura. Século XX.

ABSTRACT: This paper, through a bibliographical search, makes use of comparative analytical approach by proposing a dialogue between the contemporary historiography and the Brazilian literature through the examination of *Bandits* (1969) by Eric Hobsbawm and the romance *Grande sertão: veredas* (1956) by Guimarães Rosa. By bringing his narrative close to historical research methods, Guimarães Rosa performs an analysis of the reality and the *modus operandi* developed by ordinary men — the great protagonists of the last century, according to Hobsbawm. The hypothesis is that the history of the West in the last century seeps in the peculiar entered of the author of Sagarana by its remote hinterland. This historical-literary dialogue seeks the expansion of the interpretive path of this Rosa’s novel taking as its starting point the examination of “social banditry” inaugurated by Eric Hobsbawm in the 1950s. On the other hand, it also seeks to contribute to this story branch by bringing out the figure of the roughneck miner, a proscribed sample that escaped the classification of the author of *Primitive Rebels*, but still obeys the typologies established by it, although Rosa’s writing has scrambled it intentionally. Since these two observers-participants of the dangerous twentieth century were never in conflict, it is proposed their approach in order to move toward a more complete understanding of the Brazilian backlands that, in Guimarães Rosa, breaks with the national topography, erecting something greater within the aesthetic regionalism: a metonymy of all Western territories where the violence and the excesses of the state reign.

KEY-WORDS: Eric Hobsbawm. Guimarães Rosa. History. Literature. Twentieth Century.

¹ Universidade Federal do Pará (UFPA). evertonveredas@hotmail.com.

Introdução

As representações do século XX nas perspectivas de Eric Hobsbawm (1917-2012) e de João Guimarães Rosa (1908-1967) se constituem no tema deste trabalho, o qual se assenta no território das interpenetrações mútuas encontradas no diálogo aberto entre as narrativas produzidas pela História e pela Literatura. Ao lembrar como estes “observadores-participantes”, como quer a Antropologia Social inglesa, em seus respectivos campos de ação, se fazem intérpretes do período mais revolucionário e violento da história ocidental, procura-se, inicialmente, ampliar um pouco mais os nossos limites acerca da compreensão tanto do universo estético elaborado pelo escritor mineiro, quanto da historiografia sobre o século passado e a construção de tradições no Ocidente forjada pelo historiador britânico.

É quase impossível não perceber o débito contraído pelos intelectuais nascidos no século passado com a novela *O coração das trevas* (1902), de Joseph Conrad (1857-1942). Lida ou tão somente lembrada pelo título, esta obra nos coloca diante de um problema contemporâneo da história do Ocidente, qual órgão cardíaco, metonímico ou não, mais se enegrecia, o da periferia com o seu *modus vivendi* bárbaro e primitivo, ou o da metrópole, contaminado por uma crescente ganância e sede de conquista por matéria-prima, por novos mercados e por capital para o enriquecimento do Velho Continente?

O século XX mal começava e a literatura — por intermédio de seu “velho capitão de longo curso” (CALVINO, 1993, p. 181), como o ousou chamar Ítalo Calvino (1923-1985), — já deixava impresso um testemunho crítico acerca de uma das faces mais odiosas do imperialismo econômico erigido no curso dos “longevos” anos oitocentistas, a fúria rapace frente aos povos de outros continentes e que, não obstante, “a pretexto de civilizar as regiões ditas atrasadas do mundo, não apenas escravizou e saqueou a ferro e fogo, praticamente até nossos dias, a maior parte do planeta, mas levou às mais sangrentas guerras, mundiais e locais” (SANTARRITA, 2013, p. 9), paradoxalmente, ocasionando o colapso dos impérios já consolidados; promovendo, simultaneamente, as eclosões de levantes e de revoluções em

países outrora subjugados pelas potências da Europa e, como fenômeno imprevisto aos olhos de cientistas, economistas e historiadores, a derrocada do modelo capitalista para uma Era de catástrofe que, durante trinta anos (1914-1945), pareceu apagar qualquer esperança de um futuro próspero para este sistema político-econômico, enquanto o Leste do globo observava o crescimento de um paradigma oposto ao da economia de mercado em “um país pobre e incrivelmente atrasado, cuja única tradição política havia sido a autocracia, faltando-lhe todas as condições conhecidas para o socialismo, totalmente isolado e sob constante ameaça” (HOBBSAWM, 1992, p. 258).

Simultaneamente, este é o período mais fantástico e também o mais nebuloso da história humana, no qual as experiências legadas pelo passado daquele “jardim imaginado da cultura liberal” em que se configurou o século XIX — como recorda George Steiner em um belo ensaio intitulado “O grande *ennui*” (1971) — foram rapidamente esquecidas e destruídas pela contemporaneidade. Desta herança melancólica constam, entre outras, a diplomacia e o altruísmo, ambos os valores originados durante o decurso de todo o “longo” Oitocentos, chegaram ao seu declínio com a expansão do morticínio e da intolerância tanto no berço da barbárie que é — tomando Joseph Conrad por referência poética, o autor de *No castelo do Barba Azul* (1971) localiza como — o “coração das trevas europeias” (STEINER, 1991, p. 73), quanto aos mais distantes territórios campesinos e rurais do planeta.

Na impossibilidade de apreender a totalidade dos significados históricos e literários, uma utopia a ser evitada pela acolhida crítica de ambos, a leitura proposta neste artigo se volta então para uma demanda da “totalização progressiva” — conceito estabelecido pelo medievalista Hans Robert Jauss (1921-1997) em alguns de seus artigos lançados no intervalo que compõe a terceira formulação de sua Estética da Recepção (1990-1997), presentes em *Caminhos da compreensão* (2012) — dos sentidos envoltos nas narrativas de Guimarães Rosa e de Hobsbawm, estas relevantes para a arquitetura de um panorama mais completo das experiências e mudanças vivenciadas na contemporaneidade do hemisfério.

Dentro da recepção crítica rosiana, alguns trabalhos versaram sobre estes signos sombrios da contemporaneidade ocidental e nenhum promovendo um estudo realmente comparatista

entre a obra rosiana e a do autor de *Tempos fraturados* (2013). No que toca o nome deste historiador britânico, uma pequena parcela de ensaios — dos quais destaco o de Santiago Sobrinho, o qual em 2009 publicou um artigo tornado imediatamente referência para a compreensão da narrativa “O mau humor de Wotan”, peça que abre o livro póstumo *Ave, palavra* (1970). Não obstante, em “O narrável da guerra e o inimigo objetivo, sob o céu de Hamburgo, em ‘O mau humor de Wotan’, de João Guimarães Rosa”, este ensaísta recaiu no costumeiro hábito comparatista de trazer Eric Hobsbawm tão somente para elucidar algum acontecimento pontual da primeira metade do século XX decorrido em território alemão no intervalo em que lá esteve, como cônsul, o autor de *Sagarana* (1946), não dando espaço para um possível diálogo entre os escritos destes dois intérpretes atentos e participantes das transformações sofridas por este breve tempo dos quais todos nós, em alguma medida, somos herdeiros e/ou vítimas.

No que toca à representação estética do espaço sertanejo forjada por Guimarães Rosa, entre os trabalhos mais recentes sobre o autor de *Corpo de baile*, destacam-se o de Nildo Máximo Benedetti — *Sagarana: O Brasil de Guimarães Rosa* (2010)— que, ao se debruçar sobre a coletânea de estreia do autor mineiro (1946), identificou, assim como seu orientador Luiz Roncari havia problematizado no primeiro volume de seu *O Brasil de Rosa* (2004) e nos ensaios de *O cão do sertão* (2007), uma reprodução unicamente brasileira na escrita rosiana, algo a que este estudo se contrapõe metodologicamente, uma vez que na leitura dialética proposta o sertão de Rosa, sobretudo nas páginas do *Grande sertão: veredas* é uma elegia menos pela perda de Diadorim do que por um desaparecimento nacional das ilusões que o século XX nos legou, como conclui Riobaldo já maduro e descrente do Bem e do Mal reconhecendo, por fim, o triunfo do individualismo capitalista de que o que “[e]xiste é homem humano [em sua eterna] travessia” (ROSA, 1956, p. 594). Uma jornada ainda que para o desconhecido como também concluiu Hobsbawm, trinta e oito anos depois de Guimarães Rosa, em sua leitura do século passado, transcrita no final de *Era dos extremos* (1994).

Coincidentemente, é na mesma época da produção literária mais significativa de Guimarães Rosa — com a dupla publicação, em 1956, de *Corpo de Baile* e de sua única investida

pelo gênero romance com *Grande sertão: veredas* —, o autor de *Tempos interessantes* (2002) traz a lume o resultado de seus estudos acerca do surgimento dos grupos de celerados indômitos que tanto movimentaram a história e algumas das principais obras literárias da América Latina. É em *Rebeldes primitivos* (1959) que o historiador britânico tece o conceito, tornado clássico dentro dos Estudos Sociais, de *banditismo social*. Neste, Hobsbawm observa a evolução dos movimentos de resistência social que se fizeram crescentes no decurso dos séculos XIX e XX, surgidos quer de um apelo messiânico — tal como as revoluções protagonizadas por líderes milenaristas (vide, no território brasileiro, Antônio Conselheiro) —, ou por bandoleiros armados que se levantaram das camadas rurais mais pobres contra as autoridades locais, agentes de um Estado vigente, cujas égides foram a força brutal e a barbárie.

Todavia, o tema do cangaço nordestino ainda esperaria mais uma década para finalmente fazer parte da agenda de debates deste profundo conhecedor da história de três continentes ocidentais. Em 1969, quase dois anos após a morte do ficcionista mineiro, Eric Hobsbawm publica *Bandidos*, único livro em que o historiador lança seus estudos mais detidamente sobre as mazelas socioculturais brasileiras em análises que, até os dias atuais, nos auxiliam na interpretação das origens sociais dos crimes e das crueldades deste modelo específico de bandido oriundo destes territórios esquecidos do mundo capitalista. Personagens históricos como Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião (1898-1938) — o qual foi igualmente objeto de pesquisa de Guimarães Rosa, enquanto este confeccionava o seu *Grande sertão* na primeira metade dos anos de 1950 —, na leitura social de Hobsbawm, nos fornecem uma espécie de síntese do processo cultural de sociedades como as do *hinterland* brasileiro, ermas dos centros urbanos e desenvolvidos e carentes dos deveres do poder público, obrigadas por motivações famélicas ou de vingança pessoal a pactuar com as manifestações de violência e de desordem social.

No confronto entre estes dois intelectuais, desenha-se o projeto dialético proposto, o qual reside em uma leitura que tenta, simultaneamente, dar sentido à história pela literatura e à literatura pela escrita histórica, ou seja, de um lado, a produção historiográfica de Hobsbawm oferece um alargamento da avenida interpretativa do universo estético de Guimarães Rosa

enquanto, por outra via, o instantâneo (ainda que muito peculiar) fornecido da figura do jagunço nordestino em *Grande sertão: veredas* expande um pouco mais o tema do banditismo social elaborado pelo autor de *Era dos extremos* (1994), o qual, modestamente, nunca pareceu demandar por um esgotamento completo desta pesquisa.

“Que mais sabíamos sobre o tempo em que vivíamos?”

Além da eclosão dos movimentos rebeldes nos âmbitos campestinos e rurais, outro fato relevante ocorrido na passagem do século XIX para o XX foi a transformação sofrida nos rumos da trajetória da escrita historiográfica, a qual modificou substancialmente a relação entre o homem ocidental e o tempo. Acerca desta cisão provocada por este ramo das ciências humanas, muitos caminhos discursivos foram abertos, tais como o filosófico seguido pelo ensaísta Benedito Nunes (1929-2011). Nas primeiras páginas de seu “O tempo dividido: Cosmos e História”, este intérprete de Clarice Lispector (1920-1977) e do próprio Guimarães Rosa sintetiza o percurso especializado que realiza a História ao longo dos séculos com o escopo, intencional ou não, de abandonar a totalização herdada da tradição humanista endossada pelo oitocentismo. Amparado em sua escrita pelas concepções de G. W. F. Hegel (1770-1831) e Michel Foucault (1926-1984), o autor de *Crivo de papel* (1998) denuncia

[n]a pletórica produção historiográfica de hoje, a História universal foi substituída por histórias particulares — histórias de época, histórias de região, histórias de atitudes ou de mentalidades — História econômica de determinados períodos, História cultural deste e daquele povo — que descartam as sínteses globais do desenvolvimento da humanidade que a primeira tentou (NUNES, 1994, p. 124).

Observador em um horizonte diverso, George Steiner destaca que a História anterior a 1789 “havia sido, em larga margem, privilégio e terror dos poucos” (STEINER, 1991, p. 23). Entretanto, com a escalada da burguesia, destacando-se da *grande masse* do Terceiro Estado francês e liderando esta nos levantes revolucionários, grandes nomes como Victor Hugo (1802-1885) e, na Alemanha Goethe (1749-1832), por exemplo, perceberam um deslocamento do foco

da História, cuja lente desde então deixava de mirar o interior dos grandes salões cortesãos e passava a enquadrar o homem comum para o qual esta disciplina se tornaria o seu ambiente, segundo o autor de *As ideias de Heidegger* (1982).

Enveredando pelo século XX, esta personagem — ao lado da mulher e seu duplo movimento de emancipação em relação, primeiro, ao espaço doméstico e sua obrigação patriarcal de procriação e, posteriormente, à inserção no mercado de trabalho — exerceu o papel de protagonista nas páginas históricas e literárias. Nas páginas de *Era dos extremos: o breve século XX* (1994), seu livro mais difundido no Brasil, e nas dos ensaios de *Globalização, democracia e terrorismo* (2007), Eric Hobsbawm o torna ponto nevrálgico de seu trabalho, o qual recusa, terminantemente, uma leitura relativista da história, haja vista que para este historiador britânico o fato é algo incontornável.

Seguindo em caminho oposto ao tomado por uma vertente dos estudos históricos na atualidade a qual se debruça ao exame do *tempo presente* no intuito de compreender o contemporâneo, historiadores renomados nascidos em meados do século XX fizeram questão de deixar registradas as dificuldades de se voltarem à análise de sua própria época ainda que a realizassem com maestria, clareza e engenho, peculiaridades que devem continuamente nortear o trabalho destes intelectuais.

A descrição deste obstáculo — de que quaisquer tentativas de examinar a contemporaneidade constituir-se-ão numa observação demasiadamente precária, pois o estudioso não possui o distanciamento significativo destes acontecimentos, fator necessário para a crítica de suas complexidades, — aparece nas notas prefatórias de livros em cujos títulos ou subtítulos sobressaem o pessimismo e a melancolia diante daquele período que consagrou e ruiu regimes totalitários ao redor do globo. Dentre estas obras, a meu ver, destacam-se *Reflexões sobre um século esquecido* (2008), de Tony Judt (1948-2010) e o incontornável *Era dos extremos*, de Eric Hobsbawm em que este historiador britânico afirma, entre ganhos e perdas, seu capital de “opiniões e preconceitos sobre a época” (HOBBSAWM, 1995, p. 7), esboçados também em seus ensaios acerca da interpretação da Revolução Francesa, enfeixados no, hoje fora de catálogo, *Ecos da Marselhesa* (1990)

Este é um dos motivos pelos quais, enquanto historiador, evitei trabalhar sobre a era posterior a 1914 durante quase toda a minha carreira, embora não me abstivesse de escrever sobre ela em outras condições. [...] Acho que já é possível ver o Breve Século XX [...] dentro de uma certa perspectiva histórica, mas chego a ele desconhecendo a literatura acadêmica, para não dizer que desconheço todas as fontes primárias acumuladas pelo grande número de historiadores do século XX.

Claro, **na prática é completamente impossível uma só pessoa conhecer a historiografia do presente século** [...] como, por exemplo, o historiador da Antiguidade clássica ou do império bizantino conhece tudo o que foi escrito sobre esses longos períodos, na época e depois. Mesmo pelos padrões de erudição histórica, contudo, meu conhecimento no campo da história contemporânea é precário e irregular (HOBSBAWM, 1995, p. 7. Grifos meus).

No interior de um dos seus primeiros testemunhos sobre a escrita panorâmica de sua visão do século passado, “O presente como história” (1993) — quase um ano antes, portanto, de *Era dos extremos*, Hobsbawm já expõe as dificuldades de se lançar ao mar bravio da historiografia contemporânea correndo o risco, quase certo, de redemoinhar nos movimentos céleres deste período, mas, na época, próximo de se tornar um octogenário, este historiador lança mão de um trunfo não permitido a intérpretes mais jovens, o olhar distante em relação ao passado, em outras palavras, a retrovisão “arma final do historiador” (HOBSBAWM, 1998, p. 249) e recurso também utilizado pela principal personagem criada por Guimarães Rosa, Riobaldo Tatarana, o narrador de *Grande sertão: veredas*, sertanejo também idoso, cuja maior obrigação (ou prazer) é se voltar de maneira sedenta às reflexões metafísicas com o escopo de, pelo entendimento dos fatos transcorridos em seu passado jagunço, entender a existência humana no equilíbrio entre as forças do Bem e do Mal.

Tais conclusões se devem ao fato de que — assim como Judt e muito mais do que este historiador haja vista ter, em relação ao autor de *Sobre História* (1997), o seu posterior nascimento e prematura partida, falecido no auge de sua produção e reconhecimento internacional, — a biografia pessoal de Hobsbawm se amalgama aos principais acontecimentos históricos que formaram o século passado, o que, na modesta concepção do autor de *Tempos interessantes* (2002), poderia nublar o seu olhar e as suas avaliações políticas e sociais acerca

deste tempo constituído de muitas eras; como a do massacre; a da catástrofe; a de ouro nas democracias liberais na década de 1960; a do desmoronamento destas instituições anos depois, a do esquecimento e, a ainda mais recente, do ressentimento, gerada pelas disputas atuais entre os rivais históricos da direita e da esquerda.

Se houve alguma perda no caminho, esta não foi, felizmente, no campo acadêmico, e sim nas páginas do capítulo de negativas pessoais, no qual aparecem as inclinações políticas e ideológicas não somente de Eric Hobsbawm, mas também de toda uma geração formada na década de 1930 e que com ele compartilhou a utopia da URSS e do seu “socialismo real” como uma “alternativa de desenvolvimento para o Ocidente” (HOBSBAWM, 2004, p. 122) frente à maior derrocada do capitalismo pós-Primeira Guerra e pórtico para as atrocidades e violações aos direitos humanos cometidos pelos regimes totalitários que então se erigiam. Aqui assiste a maior implicância de seus adversários e de alguns opositores respeitosos e confessadamente inspirados em suas obras, dentre estes, Tony Judt.

Assumidamente anticomunista, a grande censura do autor de *O Mal ronda a Terra* (2011) não ousa recair na escrita e/ou no estilo narrativo de Eric Hobsbawm, até porque neste âmbito, o professor do Birkbeck College é considerado “um mestre da prosa inglesa, [escrevendo] inteligivelmente sobre história para leitores instruídos” (JUDT, 2010, p. 137), mas sim na teimosia deste em não se arrepender ou pedir perdão por suas convicções comunistas, ou — segundo Judt deixa transparecer em sua amargurada resenha sobre a autobiografia hobsbawmiana, *Tempos interessantes* (2002), — sobre aquilo que Hobsbawm entende, muito particularmente, como ser comunista. Independente disto, até porque, a título de curiosidade, este historiador antecipou-se cronologicamente aos argumentos de seus “detratores”, respondendo satisfatoriamente acerca dos verdadeiros motivos de sua não ruptura com os ideais da Revolução de Outubro, os quais não necessariamente são os da déspota União Soviética de Josef Stalin (1878-1953) e de seus sucessores no Partido, e, portanto, de sua escolha em jamais queimar seus antigos navios socialistas, espaços para onde retornou Eric Hobsbawm em sua trajetória metodológica de uma história analítica capaz de mudar o mundo e o homem por meio de um exame detido sobre “o que ocorreu em vez de simplesmente descobrir o que

aconteceu” (HOBSBAWM, 2000, p. 13).

Vertigem visionária, referencial teórico-metodológico ou engajamento intelectual, toda a longa existência de Hobsbawm foi absorvida pelo comunismo e, ainda que o seu crítico em “Eric Hobsbawm e o romance do comunismo” negue, isto se deve ao pensamento de Karl Marx (1818-1883), ao qual o autor de *Tempos fraturados* se assume seguidor contumaz, desde quando, estudante de Cambridge, Hobsbawm e seus colegas não encontraram nenhum outro historiador que pudesse “competir com Marx, como mestre e como inspiração” (HOBSBAWM, 1998, p. 171).

Além das publicações dos rosianos *Corpo de Baile* e *Grande sertão: veredas* — quebrando o longo hiato de uma década de silêncio de Guimarães Rosa, isto, desconsiderando-se o discretíssimo lançamento da narrativa “Com o vaqueiro Mariano” em 1952, posteriormente incorporada ao conjunto póstumo de *Estas Estórias* (1969) — outra publicação provocaria espanto no ano de 1956, agora para uma parte maior do globo e a esquerda mundial. Para Hobsbawm, assim, como para seus pares comunistas, este período não foi um momento de fácil deglutição, pois no decurso do XX Congresso do Partido Comunista, o então líder do Partido Comunista Nikita Kruchev (1894-1971) apresentava aos incrédulos olhos socialistas do mundo os resultados de sua “auditoria” acerca das atrocidades cometidas por Stalin.

Ainda que esta descoberta não tenha abalado totalmente as utopias e convicções de seu coração marxista, algo fulminante aos de outros intelectuais que ao redor do globo terrestre — se não abandonaram a bandeira da esquerda — não conseguiam mais comungar dos dogmas da Igreja comunista, debandando aos montes do Partido. Cerca de um ano depois, Hobsbawm sofreu inegavelmente um golpe que o fez modificar a direção de parte de seu trabalho historiográfico, e por meio deste ampliar o horizonte que Karl Marx, em sua produção, não pôde (ou não possuía instrumental teórico para) abarcar.

Observando como ao longo da história do Ocidente, a burguesia — classe que despertou sentimentos contraditórios de admiração e repulsa no autor de *O capital* — “submeteu o campo à dominação da cidade” (MARX, 2012, p. 48), Marx determina quase no final de “Proletários e comunistas” — segunda parte do *Manifesto do Partido Comunista* (1848) — uma série de dez

passos práticos para a transformação radical da trajetória das sociedades industriais ao redor do mundo. No nono, Marx prega a gradativa eliminação da distância entre o meio urbano e o rural, tal atitude levada a cabo, o que infelizmente nunca aconteceu plenamente, promoveria uma união entre as forças agrícolas e industriais em prol de uma melhoria substancial na vida das grandes massas populacionais, e eliminando, definitivamente, pelo menos uma das tantas bipolarizações que marcaram a história do século XX.

O ódio verdadeiro ao capitalismo não cegou a crítica de Karl Marx que se via fascinado, de acordo com o filósofo norte-americano Marshall Berman (1940-2013), pelos “imensos benefícios” (BERMAN, 2012, p. 93) espirituais e materiais advindos com a emancipação econômica e sociopolítica da burguesia, pensamento este seguido de perto quase 150 anos depois por Eric Hobsbawm em sua leitura histórica do século XX, ao qual denominou muito acertadamente como a “Era dos extremos”.

Apesar de denunciar a histórica subjugação do campo pelo poder dos centros urbanos, o autor de *A miséria da filosofia* (1847) jamais pensou a revolução social nascida no solo campesino ou rural, mas no seio de nações fortemente industriais como a Alemanha que, na visão de Karl Marx à época, reunia as mais favoráveis condições para realizar a grande “transformação sob condições mais avançadas da civilização europeia” (MARX, 2012, p. 83). Não obstante, menos de um século depois destas palavras impressas no *Manifesto do Partido Comunista*, o pensador de Trier teria, até aqui, duplamente se enganado. Primeiro, porque a Alemanha transmutar-se-ia não no nascedouro da democracia propriamente dita, mas no palácio onde residiria um dos piores expoentes do totalitarismo e de atitudes que reacenderam a barbárie na Europa, e segundo porque a primeira grande onda revolucionária (1917-19) tendo Marx como seu estandarte ocorreria de fato no interior de um país como a Rússia em condições encontradas diametralmente opostas às idealizadas para o solo germânico, em outras palavras, a revolução aconteceria no interior de uma nação sem um parque industrial forte e de uma população majoritariamente rural.

Em *Renascendo das cinzas* — ensaio no qual juntamente com “Adeus a tudo aquilo” infelizmente ainda pouco conhecido do grande público (e também dos desafetos acadêmicos e

jornalísticos deste historiador) Hobsbawm lança suas interpretações acerca do desmoronamento da URSS no calor da hora em que se desfaziam, simultaneamente, o dito “socialismo real” e a utópica consolidação do comunismo, mostrando que cem anos depois da vinda a lume do *Manifesto* assinado por Marx em colaboração com Friedrich Engels (1820-1895), grande porção do território europeu ainda era dominada pela cultura agrícola, como aponta o professor da New School for Social Research antes de mostrar como a força do capitalismo em promover benefícios na contemporaneidade para grandes faixas da população, pulverizou quaisquer argumentos em favor de uma real necessidade de um regime socialista no atual *establishment*. Em outras palavras, na década de 1950 “pessoas que viviam da agricultura constituíam a maioria da população mesmo em alguns países mais industrializados da atualidade: Japão, Itália e Espanha” (HOBSBAWM, 1992, p. 262).

Desta forma, uma vez perdido o encanto soviético, o sonho da Revolução de Outubro precisava de um novo berço para ser embalado na segunda metade do século passado e como da primeira vez, este seria igualmente instalado nos territórios rurais — zonas historicamente à margem dos interesses capitalistas e que devido a enormes distâncias em relação aos centros urbanos e aos serviços sociais por estes disponibilizados, necessitavam, na concepção deste historiador comunista, urgentemente das revoluções socialistas para retirá-los da invisibilidade em que se encontravam. — seja na Itália, para onde se irmanavam as aspirações partidário-ideológicas de Eric Hobsbawm pós-1956, ou para os países que compõem economicamente o Terceiro Mundo, tais como as nações que integram a América Latina.

No igualmente breve “Terceiro Mundo” — capítulo de sua autobiografia *Tempos interessantes* (2002) — Hobsbawm revela quais foram as motivações mais próximas e as mais distantes que lhe levaram a voltar seus olhos para a realidade de países, cuja classificação econômica e seus mercados no globo, os deitam no famigerado título de subdesenvolvidos. Em primeiro lugar, a convivência do autor de *Revolucionários* (1973) com as sociedades destes países se desenvolveu na Europa imperialista de meados da década de 1930, espaço para o qual os herdeiros das famílias mais abastadas das colônias do Velho Continente migravam com o objetivo de cursar o ensino superior para, posteriormente exercer papéis importante na

construção político-social de seus países de origem, o que de fato aconteceu em diversos países da África e da Ásia no decorrer dos anos de 1960 quando estes deixaram gradativamente de pertencer ao domínio europeu e a administração de suas complexas máquinas estatais passou para as mãos mestiças ou não dos nativos. Foi, portanto, no interior do espaço acadêmico britânico que Eric Hobsbawm travou seus primeiros contatos com habitantes das províncias do capitalismo da primeira metade do século XX, sobretudo, indianos oriundos das maiores cidades daquele país banhado pelo Índico.

Polêmicas travadas à parte, a biografia de um homem público, o qual não tenha exercido nenhum cargo estatal é muito mais uma demanda pelo entendimento da história observada pelo biografado do que um tribunal de guerra com a função de julgar os crimes cometidos contra a humanidade. Por isto Hobsbawm, ao mesmo tempo biógrafo e protagonista de sua escrita, não se preocupou (e tampouco deveria) com a “concordância, aprovação ou comiseração” (HOBBSAWM, 2002, p. 11) de seus leitores. No papel de um destes, vejo-me na necessidade de não julgá-lo, mas interpretá-lo como alguém que conjecturou o mundo e suas relações pessoais do mirante erigido por Marx e para o qual o próprio autor deve conscientemente o desenvolvimento de seu percurso analítico, o qual inclui ainda o diálogo com a Antropologia social inglesa — que, nos estudos literários brasileiros, está na base dos métodos de leitura de mestres como Antonio Candido — e com os economistas de Cambridge, em uma demanda pela interpretação da realidade social por meio de um sistema ativo em que os diferentes elementos interdependentes operam com o objetivo de forma consistente para o equilíbrio geral.

Apesar de atribuir valor positivo a algumas das conquistas teóricas originadas por aquela vertente dos Estudos Sociais, os quais rivalizaram com a disciplina de Hobsbawm no século XX, tais como as “interações mentais”, este historiador britânico traça em sua jornada metodológica uma vereda interpretativa diametralmente oposta à da História das Mentalidades seguida (e aprimorada desde os anos de 1930) pela corrente francesa dos chamados *Annales*. Para o autor de *Tempos fraturados* (2013), a história, que deve se desenvolver a partir do exame de interligações essenciais ocorridas na evolução das sociedades capitalistas ou que foram

absorvidas por este modelo econômico, pouco ganha com a análise das mentalidades e sua busca tardia pelas estruturas profundas dentre estas a consciência, fenômeno tomado de empréstimo da psicanálise de Sigmund Freud (1856-1939), o qual era, considerado pelo próprio Hobsbawm, como “um mau historiador” (HOBSBAWM, 1998, p. 199).

Optando pela concepção de estrutura forjada pela Antropologia Social inglesa — tal como fez Antonio Candido no Brasil em escritos da coletânea *Literatura e sociedade* (1965) e principalmente naqueles produzidos entre as décadas de 1940 e 1950, nos quais glosou sobre obras literárias que acabavam de estreiar para o grande público, como *Sagarana* e posteriormente *Grande sertão: veredas*, — na qual a sociedade é vislumbrada como um sistema orgânico e todos os desdobramentos que este conceito encerra, tornou-se difícil aceitar as aplicações dos componentes internos freudianos na abordagem metodológica da história. Em sua tentativa de deixar cristalina a sua posição ao método dos *Annales*, Hobsbawm lança sua crítica diretamente ao novo totem da época saudado pela Escola dos franceses.

O sertão perdeu suas paredes

Ainda que expressamente não levante bandeiras à esquerda ou à direita, João Guimarães Rosa se configura em um indivíduo — quer no papel de diplomata, quer no de ficcionista — em defesa do homem comum, obrigação que, nas palavras deste escritor, deve pairar acima do “compromisso para com um partido, uma ideologia” (ROSA, 1973, p. 330) não se permitindo, portanto, “presenciar injustiças” (ROSA, 1973, p. 334).

Para isto, arquiteta no conjunto de sua ficção, ambientada ou não em solo sertanejo como comprovam as narrativas que integram suas obras póstumas *Estas estórias* e a já citada *Ave, palavra*, uma atitude excepcional em prol da liberdade, como pede Walter Benjamin (1892-1940), e contra a forjadura do contingente de excluídos dos regimes políticos adotados pelos Estados sejam estes totalitários, ou o que é pior, caracterizados como democracias plenas.

De acordo com as notas preliminares de Paulo Sérgio Pinheiro, expostas em “Estado e terror” — artigo inscrito na coletânea *Ética* (1992) — além das graves violações dos direitos

humanos, outra violência que se apresenta no “esquizofrênico” Estado moderno é a prática de segregações de grupos, o que leva este estudioso a pensar que

[o] mais democrático dos Estados é sempre regime de exceção para enormes contingentes. Loucos, prostitutas, prisioneiros, negros, hispânicos, árabes, curdos, judeus, ianomâmis, aidéticos, homossexuais, travestis, crianças, operários irão nascer e morrer sem terem conhecido o comedimento do Leviatã. As graves violações dos direitos humanos pelo Estado revelam a rotina do Terror no cotidiano das populações (PINHEIRO, 1992, p. 193).

Pelo menos quatro dessas categorias lembradas são catapultadas pela elaboração estética rosiana de suas margens sociais onde atuam como figuras degradantes e passam, ou a protagonizar o enredo das narrativas, ou — o que não deve ser considerado de pouca relevância — configuram papéis importantes para a economia literária de suas obras, as quais, a sua maneira muito peculiar enfrentam a grande preocupação que envolveu a todos os intelectuais engajados do século XX, “o problema do mal”, como nos é recordado pelo historiador Tony Judt.

Definitivamente perdida a ilusão de vislumbrar a revolução modificadora da sociedade e do homem nos espaços urbanos e industrializados, como, aliás, isto nunca chegou a se configurar como algo realmente possível, Eric Hobsbawm mira as regiões campesinas ou rurais — que para o método histórico-social acabam sendo sinônimas — primeiramente as italianas para onde sua emocional motivação ideológica e seu desejo de descobrir uma nova nacionalidade para os ideais sempre vivos da Revolução de Outubro encontraram terrenos demasiadamente férteis.

Pode-se inferir que assim começa *Rebeldes primitivos*, obra de Eric Hobsbawm, nascida de três conferências ministradas pelo historiador na Universidade de Manchester em meados de 1956. Como produção ainda imatura do tema a ser por este desenvolvido, o banditismo social, este livro enfeixa um número reduzido de exemplos dos proscritos sociais, haja vista as limitações ocasionadas pela observação da evolução deste fenômeno apenas nas fronteiras do Continente europeu, sobretudo na Itália, e em apenas um lugar fora do Velho Continente, a

Carolina do Norte. Entretanto, é neste livro que aparece pela primeira vez, ao lado de depoimentos históricos de alguns bandoleiros surgidos no berço do Classicismo entre os séculos XIX e XX, a síntese e a sistematização daquilo que viria a ser este ramo de pesquisa historiográfica, o capítulo “O bandido social” — que na primeira tradução brasileira, datada de 1970, aparece compreendido entre as páginas 25 a 46 —, o qual lançaria as bases para o aprofundamento deste estudo que abrangeria novos territórios a serem estudados como a Índia e a América Latina, em análises publicadas posteriormente em *Bandidos*.

Para a expansão deste plano de pesquisa, Hobsbawm decide visitar, na condição de bolsista da Fundação Rockefeller nos primeiros anos da década de 1960, os territórios americanos de língua ibérica, espaço no qual, como praticante da metodologia da história analítica e das análises desta corrente sobre a formação das tradições populares, lhe fascinava grandemente neste período, pois “não havia intelectual na Europa ou nos Estados Unidos que não sucumbisse ao feitiço da América Latina, continente onde aparentemente borbulhava a lava das revoluções sociais” (HOBSBAWM, 2002, p. 396) e que, para o autor de *Ecos da Marselhesa*, representava, de forma invariável, “um laboratório de mudança histórica, primordialmente diferente do que se poderia esperar, um continente feito para minar as verdades convencionais” (HOBSBAWM, 2002, p. 410).

Seja por interesses de cunho pessoal, seja por consequência de uma gama de acontecimentos históricos casuais como o ingresso na militância comunista, Eric Hobsbawm se liga (dentro do PC) ao grupo especificamente preocupado com o exame da história de países que vivenciaram a experiência colonial europeia, em síntese, os movimentos daquelas sociedades “não-brancas”, as quais a Europa intelectualizada desconhecia praticamente por completo, enquanto nós — latino-americanos e, economicamente, inscritos no Terceiro Mundo — já transitávamos bem pela cultura e pelas produções artísticas europeias desde, sobretudo, o “longo” século XIX. Tal constatação levou Hobsbawm ao duplo movimento para retirar os homens comuns latino-americanos de seu estado de invisibilidade social. Primeiramente, como historiador que se afasta de seus pares acadêmicos ao realizar “esforços suficientes para compreender as pessoas que são diferentes deles” (HOBSBAWM, 1970, p. 13)

e, depois, percebendo que em um êxodo por melhores condições de vida “[a]s pessoas que vinham para as cidades eram pelo menos visíveis nas ruas, [enquanto] as que ficavam no interior eram duplamente remotas em relação às classes médias” (HOBSBAWM, 2002, p. 404) urbanas.

O leitor especializado com a linguagem literária ou aquele voltado ao estudo da escrita histórica deve estar neste momento (quase na metade deste artigo) perguntando-se qual a relação entre um escritor originado na periferia latino-americana sem filiação ideológica confessa com a obra de um historiador europeu convicto seguidor dos postulados filosóficos de Marx? Deve-se guiá-lo.

Quanto ao tema do banditismo social, originado pelo interesse de Eric Hobsbawm tanto na origem de determinadas tradições populares, quanto no desenvolvimento de certos levantes contra o modelo capitalista ocidental — é preciso recordar que o aspecto mais interessante aos olhos do professor do Birkbeck College nem é propriamente o histórico, mas o estético, mais precisamente a representação mitológica desenvolvida pela oralidade ou pela escrita erudita em torno da figura muito singular de um tipo de bandido que — por motivos de ordem pessoal ou coletivos — passa a desafiar as instituições do Estado, tomando pelo uso da força e da violência ou da barbárie (em alguns casos específicos) uma pequena porção daquilo que foi usurpado de toda a grande massa empobrecida.

Avesso aos preconceitos correntes entre os historiadores profissionais contra o uso da matéria literária para a interpretação dos fatos históricos, os quais o acusam de, em *Rebeldes primitivos* e em *Bandidos*, “utilizar como fonte, com pouco sentido crítico, a literatura e as lendas do banditismo” (HOBSBAWM, 2010, p. 212), Eric Hobsbawm responde à esta denúncia de anti-heroico nas páginas de “Marx e a História” — décimo primeiro ensaio inscrito na obra *Sobre história*, apoiado em seu método de leitura desta disciplina e na tradição, convencionalmente, denominada de marxista, que a ciência, toda ela, “é um diálogo entre diferentes opiniões baseadas em um método comum. Apenas deixa de ser ciência quando não há método para decidir qual das opiniões em contenda está errada ou é menos frutífera. Infelizmente, esse costuma ser o caso na história” (HOBSBAWM, 1998, p. 184).

Hobsbawm não é um historiador ortodoxo, haja vista a sua proximidade com a abordagem antropológica, também seguida pelo marxista clássico Eric Wolf (1923-1999), o qual em obras como *Europe and the Peoples without History* (1983), Hobsbawm viria a discordar devido ao mau uso do conceito de modo de produção ao qual, em relação à noção de sociedade, o autor de *A era das revoluções* (1962) se volta para o tema do banditismo como — apesar das evidentes diferenças entre as sociedades humanas e suas interações — um conjunto de processos que inconscientemente se ligam sem com isto neutralizar a diversidade da independência das culturas.

De outra maneira, na tentativa de abarcar uma totalidade do processo histórico, o que quer Hobsbawm, em trabalhos como *Rebeldes primitivos* e *Bandidos* busca uma questão inevitavelmente marxista da história: lançar em uma mesma avenida, a do desenvolvimento capitalista, “os dois ramos da história”, os quais são, de um lado, a história das classes proletárias da indústria urbana e, de outro, as sociedades periféricas “teoricamente tradicionais” (HOBSBAWM, 2002, p. 187) e campesinas, estas, por questões óbvias, adentram na história econômica do Ocidente com passos em outro ritmo. Não obstante, este descompasso entre estes dois ramos históricos, na abordagem de Eric Hobsbawm, não configura um binômio, mas sim uma evolução na qual estes “dois ramos da história não passam de um só” (HOBSBAWM, 2002, p. 187).

Lançando mão desta acepção de que, como explicita Hobsbawm, “macrocosmo” e “microcosmo” na história forjam uma única estrutura não é de se estranhar o fato deste historiador fazer uso de expressões estéticas como o lendário Robin Hood “que era e é, essencialmente, um camponês revoltado contra os latifundiários, os agiotas e outros representantes daquilo que Thomas More [1478-1535] chamava de ‘conspiração do rico’” (HOBSBAWM, 1970, p. 14) em *Rebeldes primitivos* e *Bandidos*.

É preciso compreender que na interpretação que Hobsbawm faz do pensamento de Marx acerca do desenvolvimento do capitalismo ocidental, todo este processo deve ser observado como um desenvolvimento de natureza mista nas inúmeras sociedades tocadas por este modelo econômico, isto significa dizer que “devemos considerar os diversos caminhos que levaram às

confluências e encruzilhadas nas quais, em certa etapa do desenvolvimento, essas áreas se encontram” (HOBSBAWM, 1998, p. 181). Ao deitar seu olhar sobre a figura do bandido, o autor de *Tempos interessantes*, não somente analisa as contradições existentes por detrás destes indivíduos singulares, defensores de uma nova ordem social, localizados nas bermas da estrada que nos leva ao capitalismo moderno e urbano, mas examina concretamente — e isto está na essência do pensamento de Karl Marx — o fracasso histórico de alguns movimentos sociais *sui generis* diante do titã de bronze em que sempre o capitalismo se constituiu.

Ainda que os escritos de Marx — e, por conseguinte, as teorias desenvolvidas pelos marxistas vulgares ou históricos — não tenha se voltado para o leitor como agente imprescindível da interpretação, tal como propôs Hans Robert Jauss em sua *Pour une herméneutique littéraire* (1982) e em seus *Caminhos da compreensão*, essa abordagem amplia um pouco mais o horizonte de expectativas da obra rosiana *Grande sertão: veredas*, pois assim como Hobsbawm, Riobaldo em seu relato memorialístico descreve um universo que foi engolido pelo capitalismo, o jaguncismo mineiro, o qual, para além das representações dos extremos vivenciados no hemisfério, por detrás das práticas de violência, apresenta um conjunto de códigos e de condutas que ligam esta modalidade de banditismo social, ora aos cavaleiros das novelas medievais, ora aos heróis que assistem na *psique* romântica dos oitocentos.

Neste lúgubre espetáculo em que se caracterizou o século passado, coube à Europa o papel de principal tablado para a grande maioria das atrocidades cometidas contra os valores da humanidade, todavia a maldade já havia se espreado para territórios considerados economicamente periféricos, espaços onde os movimentos e as grandes catástrofes sociais, como as ocasionadas pelo período quase ininterrupto de quase três décadas de guerra, auxiliaram a construção de um exército de indivíduos excluídos de suas sociedades.

Estes, em alguns casos, vieram a formar um contingente de “rebeldes primitivos” que em sua resposta, justiceira, violenta e vingativa, passou a desafiar as ordens políticas e socioeconômicas destes rincões, os quais estes homens encontram-se historicamente à margem. São camponeses que, nas palavras de Eric Hobsbawm,

viveram, em geral, em sociedades nas quais veem a si próprios como um grupo coletivo separado e inferior ao grupo dos ricos e poderosos, embora seja frequente que, individualmente, seus membros dependam de um ou outro deles. O ressentimento está implícito nessa relação (HOBSBAWM, 2010, p. 22).

Uma vez mais, a análise de Hobsbawm revela que o fenômeno do banditismo social tem suas causas mais profundas naquele modelo democrático liberal, o qual, em suas inescapáveis crises cíclicas, produziu diversas mazelas sociais que, por muito pouco, quase levaram o Ocidente à derrocada quase total na primeira metade do século XX. Este desaparecimento do capitalismo só não ocorreu devido a uma das inúmeras contradições deste período, o auxílio dado pela URSS às nações liberais, o que, ao invés, de promover “a derrubada global do capitalismo”, fez “foi salvar seu antagonista, tanto na guerra quanto na paz” (HOBSBAWM, 1995, p. 17). Tão odiado pela direita política mundial, a presença do “socialismo real” foi responsável por mitigar uma parte da ganância dos ricos industriais que, pelo medo de uma eclosão de revoluções comunistas em grande escala, resolveram diminuir parte de seus monumentais lucros, transferindo-os para a promoção de políticas de bem-estar social para as camadas mais pobres ou empobrecidas. Isto levou, por exemplo, a uma aceleração “da modernização de países agrários” (HOBSBAWM, 1995, p. 18), os quais, ao invés de diminuir as desigualdades entre ricos e pobres no campo, produziu, ao contrário, um aumento considerável da distância em meio a estes opostos e um estado permanente de violência, ainda que controlada, sempre à espreita.

É no seio desta contradição social campesina que surge a condição primordial para o aparecimento do bandido rural, o qual deve, segundo a proposta de Eric Hobsbawm, vir obrigatoriamente “dos pobres” (HOBSBAWM, 1970, p. 34), entre os quais, este marginalizado pelo poder público goza das distinções de honestidade e de heroísmo o que lhe lança para fora dos domínios do “submundo” vulgar, onde assistem, na mentalidade popular, dois outros paradigmas de fora-da-lei, o criminoso e o espúrio ladrão. Desta maneira, fica claro, que o sucesso deste proscrito depende de sua aceitação por parte da sociedade camponesa ou rural —

fator que estabelece toda a diferenciação entre aqueles considerados “nobres” e “bons”, daqueles sentenciados pela massa como “maus” — que, por conseguinte, espera deste e de seus semelhantes, atitudes como a correção dos erros e o desagravo às injustiças cometidas contra os mais necessitados financeiramente e negligenciados pelas instituições públicas em geral. São, na mentalidade da população mais simples, espécies de príncipes disfarçados, promovendo, senão a revolução, ao menos, a reforma social do espaço no qual atuam livremente. Lembram, portanto, nas palavras de Ítalo Calvino, os grandes heróis da literatura, uma vez que

[no] inconsciente coletivo, o príncipe disfarçado de pobre é a prova de que cada pobre é na realidade um príncipe que sofreu uma usurpação e que deve reconquistar seu reino. Ulisses ou Guerin Mesquino ou Robin Hood, reis ou filhos de reis ou nobres cavaleiros caídos em desgraça, quando triunfarem sobre seus inimigos hão de restaurar uma sociedade dos justos em que será reconhecida sua verdadeira identidade (CALVINO, 1993, p. 21).

Como está relacionado diretamente aos movimentos de negligência do Estado de direito e o papel exercido por este de provedor de bem-estar social que lhe é atribuição, o banditismo, todavia, tem o seu cordão umbilical ligado às ordens socioeconômicas e políticas vigentes, as quais deve, em sua existência, desafiar, e sem as quais não pode emergir ou sobreviver. Foi o que aconteceu na passagem do século XIX para o XX quando houve uma gradativa repressão do Estado e seu poder absoluto sobre as massas populares

Na verdade, foi essa concentração de poder no moderno Estado territorial que acabou por eliminar o banditismo rural, endêmico ou epidêmico. No fim do século XX parece que esta situação talvez esteja para terminar, e as consequências dessa regressão do poder do Estado ainda não podem ser prevista (HOBSBAWM, 2010, p. 29).

Guimarães Rosa, por sua vez, em *Grande sertão: veredas* (1956) construiu personagens sobreviventes desta brutalidade e dos desmandos advindos, de um modelo muito peculiar de “banditismo social”, o jaguncismo que instaurou naquela poção que, futuramente, viria ser a Região Nordeste do país um acontecimento específico na passagem do século XIX para o XX, a

eclosão dos primeiros Estados-paralelos de origem rural, dominados por controversos grupos sociais dos bandoleiros armados, os quais em sua “liberdade de movimentos” (HOBSBAWM, 2010, p. 16), segundo Hobsbawm,

[d]eixavam de ser vistos como simples bandidos e passavam a ser considerados bandidos “especiais” ou sociais. Por isso gozavam de proteção [...] à custa dos aldeões. [...]

À parte essa situação especial, o banditismo, como fenômeno social na [...] sua história, está relacionado à classe, à riqueza e ao poder nas sociedades camponesas (HOBSBAWM, 2010, p. 17 e 23).

No muro de fronteira que aparta a História da Literatura brotam, como se pode denotar, fissuras geradoras de aproximações entre a produção ficcional e a narrativa histórica, como se dá com *Bandidos* e *Grande sertão: veredas*, obras separadas por pouco mais de uma década, mas ligadas por sua pujança compreensiva do movimento do banditismo no século XX e, por que não afirmar, da trajetória humana em meio às desintegrações dos velhos valores e das relações sociais como profetizou Marx. Utilizando-se destas brechas neste denso romance, Guimarães Rosa aproxima-se dos métodos da pesquisa histórica, focando a sua escrita naqueles grandes personagens do século XX, “as pessoas vulgares” como afirmou o convicto seguidor de Marx, Hobsbawm, ao tratar destes indivíduos que, em sua eterna mobilização, muda[ra]m consideravelmente o cenário deste breve século ao assumirem, inclusive papéis relevantes dentro da “administração da coisa pública” (HOBSBAWM, 2000, p. 46).

Os leitores especializados perceberam na escrita de Guimarães Rosa uma mudança na direção do regionalismo literário — outrora uma tendência exausta e pouco produtiva —, agora portadora de sangue novo e de uma capacidade de inscrever na terra e no homem brasileiros as nuances de dramas vivenciados pelos indivíduos dos quatro cantos do mundo. Uma marca perceptível na história da recepção crítica rosiana é a sua comparação, mais ou menos próxima de outros autores, a grande maioria estrangeiros, os quais — ao longo do conturbado século XX — desenharam obras com uma indistinta “vocação para a totalidade” (ARRIGUCCI JÚNIOR, 2010, p. 113). De acordo com Davi Arrigucci Júnior em “Sertão: mar e rios de histórias”, artigo

publicado originalmente em 2007 por ocasião do jubileu de *Grande sertão: veredas*, este é o universo literário ocidental no qual se insere e dialoga a escrita deste romance rosiano, uma prateleira na qual o título, à guisa das bibliotecas ideais propostas por Ítalo Calvino (1923-1985), seria o “dos romances que resumem a experiência humana” e estaria ladeado por obras de Carpentier, de Döblin, de Faulkner, de Proust e do demoníaco *Doutor Fausto* (1947) — contemporâneo da grande estreia rosiana *Sagarana* —, do germânico Thomas Mann (1875-1955).

Assim, o sertão rosiano atravessou vigorosamente o território agreste geograficamente demarcado, espalhando-se por uma *universalização* de uma topografia comum a todo o Ocidente, fazendo de *Grande sertão: veredas* uma metonímia de todo espaço marcado com o ferrete da violência social, esta capaz de, se tornada costume, produzir uma espécie de pacto entre homens e forças infernais, senhoras da barbárie.

Riobaldo, o protagonista de *Grande sertão: veredas*, é um destes homens de aparência comum — personagem que persegue as páginas da literatura e da história, e que, no entanto, foge da imagem esperada para um indivíduo caracterizado como tendo pouca instrução formal e ambientado em uma área periférica de um país, por sua vez, periférico do capitalismo — pois, segundo o moçambicano Mia Couto, ele se traveste em “uma espécie de contrabandista entre a cultura urbana e letrada e a cultura sertaneja e oral” (COUTO, 2011, p. 113). Em seu presente narrativo é um velho barranqueiro que por meio de um modelo socrático de narração se lança num gosto particular de “especular ideia” (ROSA, 1956, p. 11) através de um diálogo com seu sempre oculto interlocutor a quem dirige humildemente seus questionamentos sem nunca esperar deste respostas, mas sim a sua cumplicidade aos argumentos que disserta sobre os grandes temas que envolvem a trajetória humana tanto no ambiente telúrico quanto no plano metafísico. Demasiadamente sábio, Riobaldo rompe com a simplicidade da cultura campesina que lhe cerca filtrando no interior da cultura popular, a das classes dominantes como quer a proposta de *circularidade cultural* de Carlo Ginzburg — grande nome de outra metodologia histórica, a “Micro-história” italiana forjada, em grande parte, nas ruínas das crenças marxistas na virada da década de 1970 para os primeiros anos de 1980 — e atingindo, ao contrário do que

ocorreu, na visão de Karl Marx, com grande parte das mentes brilhantes na Era do capitalismo moderno, as quais foram tornando-se progressivamente primitivas, o narrador do único romance rosiano sai de sua experiência de jagunço e das práticas de violência desta modalidade de banditismo com o seu pensamento profundamente sofisticado.

Tal como Domenico Scandella (1532-1600?), vulgarmente conhecido como Menocchio — o moleiro italiano quincentista do livro *O queijo e os vermes* (1976) —, Riobaldo, o protagonista de *Grande sertão: veredas*, também desenvolve o interesse pela especulação na velhice, fase em que alcançou a sua estabilidade financeira como fazendeiro abastado para os padrões locais. Seu gosto pela fala se revela por meio de um modelo socrático de narração, o monólogo-dialógico mostrado anteriormente. O a personagem histórica pesquisada por Ginzburg, por seu turno, apesar de aparentemente gozar da amizade e afeição de seus conterrâneos das regiões de Montereale e de Friuli, não encontra ouvintes solidários às suas inusitadas teorias escatológicas e contrárias ao *status quo* medieval que terminará por condená-lo a morte.

Mirando especificamente a complexidade do “labiríntico e infindável” (LOPES, 1970, p. 315). Sertão rosiano, observa-se este espaço se deslindar em uma pluralidade de esquemas narrativos que se desdobram uns por cima dos outros, dentro dos quais o escritor mineiro elabora a sua paisagem narrativa erguida a partir do real e profundamente maculada por um anacronismo social tipicamente brasileiro, cuja corporificação se dá mais visivelmente nas regiões mais remotas e paupérrimas do Estado nacional, como o sertão agreste nordestino, contudo, sem esquecer que este fenômeno se espalha, às vezes, com menor força pelo restante do país.

São nestes espaços de ninguém — regiões miseráveis onde as mudanças demoram a acontecer e são facilmente coibidas pela massa refratária a estas, e onde perdurou, e talvez ainda perdure, a ilusão de nossa modernização já tardia no seu nascimento (decênio de 1950) e que, por fim, nunca chegou — que os movimentos desumanos e aniquiladores operam em toda a sua força. Seus afetados são indiscutivelmente os mais necessitados residentes dessas zonas à margem do capitalismo sul-americano, grandes reféns do poder paralelo personificado pelos

coronéis, fazendeiros e suas milícias armadas, compostas por ferozes jagunços. É este o cenário propício no qual, na reflexão de Hobsbawm,

[A] crueldade implícita nas relações entre aqueles que se supõem “naturalmente” superiores e seus inferiores supostamente “naturais” apenas acelerou a barbarização latente em todo confronto entre Deus e o Diabo. Nessas escaramuças apocalípticas apenas um resultado é possível: vitória total ou derrota total. Não se pode conceber nada pior que o triunfo do Diabo. [...] Em semelhante luta, o fim necessariamente justificava *quaisquer* meios. **Se a única maneira de derrotar o Diabo era por meios diabólicos, era isso que tínhamos que fazer.** [...] Se o outro lado é diabólico, então, devemos supor que empregarão meios diabólicos, mesmo que no momento não estejam fazendo isso (HOBSBAWM, 1998, p. 273. Grifos meus).

Na leitura proposta neste artigo, há, portanto, uma reinterpretação do dado metafísico, uma das marcas mais importantes do romance rosiano, que passa a ser um símbolo histórico e literário do Ocidente, haja vista que, um dos aspectos que compõe, na mentalidade popular, o caráter da figura lendária do bandido social é a sua invulnerabilidade mediante proteção de forças feéricas contra as violências provocadas pelos inimigos mortais. Para o Mal ou para o combate deste, Guimarães Rosa dotou alguns de seus personagens em *Grande sertão: veredas* com o selo do pacto satânico.

Em *Grande sertão: veredas*, por exemplo, Guimarães Rosa sela o pacto feito por seu herói Riobaldo com Satã como uma alegoria de um consórcio necessário, pois sendo jagunço e sertanejo, o sujeito faz-se próximo do Mal, tornando-se um pouco pactário também já que “quem de si de ser jagunço se entrete, já é por alguma competência entrante do demônio” (ROSA, 1956, p. 11). Pensando na metáfora desta personagem de que “jagunço é o sertão” (ROSA, 1956, p. 307) e este espaço metaforiza todo o território brasileiro (e quiçá, o globo), lembro das palavras do ensaísta lusitano Óscar Lopes (1917-2013) que afirma ser

o pacto com o Diabo é concretamente inevitável, quer na vida individual, quer na política. O *Leit-Motiv* do romance pode com efeito formular-se abstractamente [*sic*] como segue: nós estamos todos sujeitos a um pacto diabólico, somos todos *pactários*, o drama do Fausto é inerente a todas as

situações historicamente conhecidas dos homens. Somos uns doidos, um turbilhão de doidos em lutas de bandos, e o *Diabo na rua, no meio do redemoinho*, o Diabo que de resto não existe e todavia nos arma, porque ele afinal não passa da alienação, historicamente necessária, do homem ao homem (LOPES, 1970, p. 320. Grifo meu).

Seja a jornada pelo Liso do Sussuarão em demanda pelos Judas, Ricardão e Hermógenes — este jagunço transfigurado em *nêmesis* tanto de Riobaldo e de Diadorim, quanto dos modelos capitalistas e urbanos —, no *hinterland* baiano, seja o desejo de compor uma grande obra musical em um período melancólico da cultura alemã, (o período da Segunda Guerra Mundial) o pacto com a entidade maldita se faz inevitável para os protagonistas que surgem menos reféns de suas obrigações do que da crueldade imposta pelas relações sociais da primeira metade do século XX em que civis e gente popular são — como afirma o Prêmio Nobel de Língua Portuguesa, José Saramago (1922-2010), acerca desta última — constantemente violentada pelo braço de

uma Igreja tão cúmplice como beneficiária do poder do Estado e dos terratenentes latifundistas, gente permanentemente vigiada pela polícia, gente, quantas e quantas vezes, vítima inocente das arbitrariedades de uma justiça falsa” (SARAMAGO, 2013, p. 77).

Não é à toa que — independente das origens e das motivações responsáveis por lançar jovens pobres das zonas rurais para os bandos armados, revolucionários ou não, — em sua leitura do banditismo social ao redor do globo, Eric Hobsbawm denota que estes indivíduos, além dos aspectos inconformista e avesso a estranhos, quando precisam escolher uma proteção metafísica, “Tomam o lado do diabo e não o de Deus” (HOBSBAWM, 2010, p. 62).

Diferentemente do que ocorre no romance de Thomas Mann, o contrato de Riobaldo com o demônio não se dá mediante a materialização factual deste — ou obedecendo todo o ritual humano e mágico tipicamente romântico e burguês, ou quaisquer outros em que surjam a figura do comerciante sedutor que negocia sonhos e desejos mediante palavra assinada do comprador e posterior quitação da dívida contraída com a entrega de almas — mas, sobretudo, por uma nítida sensação de mudança sentida por aquele chefe-jagunço em sua personalidade,

após o episódio vivido nas *Veredas Mortas*, instante revelador da verdadeira morada do Bem e do Mal: o coração humano.

Havendo ou não de fato o pacto, o importante está no papel organizador do Diabo no interior do enredo de *Grande sertão: veredas*, capaz de gerar — a maneira das divindades greco-romanas — na vida dos mortais a vingança, a repressão, o ódio e, acima de todas estas, um estado superior de justiça. Eis o mundo demasiadamente misturado a que se refere Riobaldo, lugar no qual ao invés das coisas apartarem-se, estas transitam incessantemente sem nunca se demarcarem em espaços definidos e imutáveis. Ao contrário, é de ambiguidades que se fazem o homem e o sertão de Guimarães Rosa — como os movimentos históricos que obrigaram as sociedades ocidentais a se camuflarem em meio aos combates vividos no século XX — nascendo o Bem nos domínios do Mal e, o que é mais recorrente, o Mal aflorando nos campos do Bem, ou — a título de comparação — como ocorre quase ao final da novela de Franz Kafka (1883-1924), *Na colônia penal* (1914) — narrativa curta cujo enredo surrealista antecipou, em uma espécie de antevisão, as máquinas mortíferas responsáveis por algumas das atrocidades cometidas contra a humanidade que os regimes totalitários causaram ao mundo —, quando o explorador estrangeiro alcança o túmulo do antigo comandante local e, finalmente, pode ler o epitáfio, nós, leitores e intérpretes da matéria literária, alcançamos a ironia presentes, reveladas pelo narrador heterodiegético, nas palavras lapidares e reveladoras da atitude do Mal absoluto em mimetizar o seu oposto cósmico:

Aqui jaz o antigo comandante. [...] Existe uma profecia segundo a qual o comandante, depois de determinado número de anos, ressuscitará e chefiará seus adeptos para a reconquista da colônia. *Acreditai e esperai!*” (KAFKA, 1998, p. 69) (grifos meus).

Neste instante da escrita kafkiana forma-se a metáfora na qual as forças maléficas não desaparecem por completo, apenas descansam em seu repouso subterrâneo a espera de novas oportunidades fornecidas por aqueles seus históricos servos e pactários que lhe emprestam o coração como morada, os homens. Não sendo, portanto, extinguível, o Mal demanda, como

ensina Riobaldo, os “crespos” humanos, razão pela qual o protagonista de *Grande sertão: veredas*, da maturidade em que se encontra no presente de seu relato, recorra a todos os paradigmas religiosos ao seu alcance. Esta atitude nada tem a ver com a busca de uma ascensão espiritual, tal como almeja Augusto Matraga no enredo da última narrativa de *Sagarana* (1946), mas para bloquear as saídas para o Demônio que nos habita, incansável em sua luta para romper as sempre tênues fibras da civilidade e da liberdade nos diversos espaços sociais.

Isto porque, o século passado promoveu um aumento considerável da violência, fazendo o Inferno emergir de seu sono secular, ou de acordo com George Steiner

[p]ode ser que a transformação do Inferno em metáfora tenha deixado uma lacuna formidável nas coordenadas de que a mente ocidental dispõe para localização, para reconhecimento psicológico. Não ter nem Céu nem Inferno é ficar intoleravelmente carente e solitário em um mundo que se tornou plano. Dos dois, o Inferno demonstrou ser o mais fácil de recriar (STEINER, 1991, p. 66).

É, no mínimo, intrigante como Guimarães Rosa constrói, em *Grande sertão: veredas*, um romance que triunfa esteticamente, apesar de abandonar um dos aspectos estruturantes deste gênero literário: o tempo. A negligência à descrição cronológica ocorre mesmo diante da exposição de fatos documentados, numa atitude clara de manter o relato autobiográfico do protagonista *atemporal*, constituindo-se o tempo como fator não primordial das composições ficcionais produzidas no século XX. Como ilustração disto, destaca-se o momento em que Riobaldo descobre as origens de Diadorim:

Êste papel, que eu trouxe — batistério. Da matriz de Itacambira, onde tem tantos mortos enterrados. Lá ela foi levada à pia. Lá registrada, assim. Em um 11 de setembro da era de 1800 e tantos [grifo meu]... O senhor lê. De *Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins* [...] (ROSA, 1956, p. 590-591).

Diante de poucos dados cronológicos que escapam fortuitamente, do enredo de *Grande sertão: veredas*, Roberto Schwarz, numa interpretação arriscada, localiza o cenário ficcional do romance rosiano dentro do período de 1917, época em que se instaura, na concepção de Eric

Hobsbawm, a Era da Catástrofe, marcada por manifestações político-sociais ao redor do globo, compreendidas no período entre guerras, em que as “frágeis” democracias mundiais, “como mostra a experiência, requerem inimigos endemonizados” (HOBSBAWM, 1998, p. 272). Aqui se desenha o caminho que me leva a aproximar a produção de Hobsbawm e de Guimarães Rosa, a preocupação de ambos em destacar, em primeiro plano, o homem em detrimento dos acontecimentos históricos e dos espaços geográficos.

Supremo senhor das metamorfoses, o Diabo encarna na produção literária do Ocidente a materialização dos desejos impossíveis e necessários levando indivíduos inscritos em territórios em profunda crise social — como os espaços de *Grande sertão: veredas* e *Dr. Faustus*, de Mann — ao contrato pactual com as esferas inferiores, metáforas, por assim dizer, da violência e da barbárie. As formas como se operam os contratos diabólicos distinguem-se, entre si, sobretudo pela natureza deste encontro, no qual o indivíduo busca pelas forças maléficas no intuito de realizar aventuras antes não possíveis pela sua condição paupérrima e/ou mortal, aprendendo, por fim, parafraseando Eric Hobsbawm, a se habituar ao que é desumano, tolerando o que não é tolerável, em outras palavras, promovendo a desintegração

do que poderíamos chamar de projeto do Iluminismo do século XVIII, a saber, o estabelecimento de um sistema *universal* de tais regras e normas de comportamento moral, corporificado nas instituições dos Estados e dedicado ao progresso racional da humanidade: à Vida, Liberdade e Busca da Felicidade, à Igualdade, Liberdade e Fraternidade ou seja lá o que for (HOBSBAWM, 1998, p. 269).

Sem a ínfima perspectiva de fuga do embate entre as forças metafísicas e factuais do Bem e do Mal, as personagens rosianas caminham, lançando-se em perigos e peripécias dignas dos grandes combates épicos quer da Antiguidade Clássica, quer das épocas das Cruzadas da Idade Média, tentando demandar Deus e a vida por meio de um jogo de enfrentamentos que possui tanto das manifestações anacrônicas de poder paralelo, quanto de experiências oriundas da insegurança — ainda hoje — sentidas nas grandes metrópoles e em pequenas cidades “onde o Estado passa por acentuado processo de desgaste” (HOBSBAWM, 2000, p. 23).

Conclusão

Próximo do centenário de nascimento de Eric Hobsbawm e dos aniversários de setenta anos de publicação de *Sagarana* e sessenta de *Grande sertão: veredas*, respectivamente, este artigo constrói-se basicamente de uma pesquisa bibliográfica da produção de Eric Hobsbawm e de Guimarães Rosa, com destaque para títulos como *Sobre história; Era dos extremos; Tempos interessantes Rebeldes primitivos* e *Bandidos* do primeiro e *Grande sertão: veredas* do segundo.

Tendo o intuito maior de alargar o horizonte de expectativas da recepção crítica rosiana, o presente trabalho utilizou-se do método comparatista e de uma proposta dialética em que, na busca por uma totalidade progressiva como ensina Hans Robert Jauss em produções como *Pour une herméneutique littéraire* e *Caminhos da compreensão*, o sentido da obra estética pode ser dado (e deve ser procurado) no exterior das páginas literárias o que forneceria ao leitor de literatura e, gostaria de acrescentar também ao leitor de história, novas perspectivas em relação ao texto ficcional.

Destarte, a produção histórica de Hobsbawm expande o universo interpretativo de uma obra que já apresenta volumosa recepção crítica como *Grande sertão: veredas* ambientada no *hinterland* brasileiro, a qual, por sua vez, espraia o tema do banditismo social forjado por Hobsbawm entre o final da década de 1950 e o desfecho da de 1960 com as publicações de *Rebeldes primitivos* e *Bandidos*, respectivamente, uma vez que nesta última obra, este historiador não lança luz sobre outra modalidade de bandos de celerados rurais, os jagunços mineiros tão significativos para a memória do regionalismo histórico e estético nacionais.

Regendo a sua produção estética dentro daquela tensão sempre fecunda que se estabelece entre a criação e a incorporação da tradição, Guimarães Rosa foi o nome de sua geração literária que melhor soube organizar as representações artísticas do mundo e do homem contemporâneo envolto em um período de práticas intoleráveis tais como as manifestações de violência e de barbárie que reduziram a civilidade no globo.

Desde a publicação de *Sagarana*, em 1946, a obra de Guimarães Rosa se constituiu num complexo projeto literário que desafiou, e ainda hoje desafia, os pesquisadores dos Estudos

Literários e mostra a cada investida no texto, uma nova faceta da ficção rosiana. Com uma das maiores bibliografias críticas da história literária brasileira, as narrativas do autor de *Grande sertão: veredas* já foram submetidas às mais variadas perspectivas de estudo. Considerando o aspecto quantitativo, o gigantismo bibliográfico de Guimarães Rosa, passados mais de meio século de recepção crítica de *Grande sertão: veredas* ainda é uma esfinge a lançar perguntas aos seus leitores.

Em uma Era de catástrofes — como bem definiu Hobsbawm ao longo de sua obra mais divulgada no Brasil, *Era dos extremos: o breve século XX* (1994) —, a literatura também foi marcada pelo conflito de forças e valores antagônicos emergidos desta época em que o pacto selado entre os indivíduos ocidentais e a escrita histórica e/ou estética trouxeram — seja para responder às questões metafísicas de um ex-jagunço, em *Grande sertão: veredas*, seja para sobreviver ao Mal supremo, nos contos de *Ave, palavra*, — à superfície as vozes enoitecidas e caladas das periferias do capitalismo.

Assim, o ato de narrar — derradeiro recurso de sobrevivência no violento *hinterland* rosiano — mostra-se relevante tradução artística de um pacto estabelecido entre os fios literários e os factuais na trama da compreensão da História recente em que o desmoronamento de impérios e ilusões ocidentais refletiram em países como o Brasil, que vivenciou a experiência do Regime colonial, numa necessária afeição, também, das questões metafísicas com o objetivo de enfrentar a loucura que assola qualquer indivíduo na contemporaneidade, as práticas intoleráveis de épocas, como estas, de difícil compreensão, períodos de profunda escuridão enfrentados pelas páginas de Hobsbawm e de Guimarães Rosa, que desfazem imagens errôneas que muitas vezes construímos do Brasil, a de um país que em sua História contemporânea se fez amistoso e pacífico, quando, na verdade, este acompanhou a beligerância e a violência que contaminava diversas nações e territórios da Terra.

Como pode-se denotar, é o século XX ainda uma neblina, imagem cara que persegue o relato retrospectivo de Riobaldo e é também o grande horizonte que se projeta a frente dos historiadores.

Referências

ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. Sertão: mar e rios de histórias. In: **O guardador de segredos: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 113-129.

BENEDETTI, Nildo Máximo. **Sagarana**: O Brasil de Guimarães Rosa. São Paulo: Hedra, 2010.

BERMAN, Marchall. Posfácio. Rasgando os véus: *O Manifesto Comunista*. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 91-109.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 5. ed. São Paulo: Nacional, 1976.

COUTO, Mia. Encontros e encantos — Guimarães Rosa. In: **E se Obama fosse africano? e outras interinvenções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 107-119.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HOBBSAWM, Eric John. **Rebeldes primitivos**: Estudos sobre formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.

_____. Renascendo das cinzas. In: BLACKBURN, Robin (org.). **Depois da queda**: o fracasso do comunismo e o futuro do socialismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 255-270.

_____. **Era dos extremos**: o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Ecos da Marselhesa**: Dois séculos reveem a Revolução Francesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **O novo século**: entrevista a Antonio Polito. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Tempos interessantes**: uma vida no século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. O mais importante historiador marxista faz um balanço das ilusões perdidas. In: MORAES NETO, Geneton. **Dossiê Moscou**: um repórter brasileiro acompanha, em Moscou, o

desfecho da mais fascinante reviravolta política do século XX: o dia que começou a busca por uma nova utopia. São Paulo: Geração Editorial, 2004. p. 120-129.

_____. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Bandidos**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

JAUSS, Hans Robert. **Pour une herméneutique littéraire**. Paris: Gallimard, 1982.

_____. **Caminos de la comprensión**. Madrid: Machado, 2012.

JUDT, Tony. Eric Hobsbawm e o romance do comunismo. In: **Reflexões sobre um século esquecido (1901-2000)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. p. 137-150.

KAFKA, Franz. **O veredito e Na colônia penal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 27-70.

LOPES, Óscar. **Ler e depois**. 3. ed. Porto: Inova, 1970. v. 1, p. 313-365.

MANN, Thomas. **Doutor Fausto**: a vida do compositor alemão Adrian Leverkühn narrada por um amigo. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2012.

NUNES, Benedito. O tempo dividido: Cosmos e História. In: NUNES, Benedito (Org.). **A crise do pensamento**. Belém, UFPA, 1994. p. 123-154.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Estado e terror. In: NOVAES, Adauto (org.). **Ética**. São Paulo: Companhia das Letras / Secretaria Municipal de Cultura. 1992. p. 191-204.

RONCARI, Luiz. **O Brasil de Rosa**. São Paulo: UNESP, 2004.

_____. **O cão do sertão**. São Paulo: UNESP, 2007.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1956.

_____. In: LORENZ, Günter W. **Diálogo com a América Latina**. São Paulo: Ed. Pedagógica Universitária, 1973. p. 318-355.

SANTARRITA, Marcos. Introdução. In: CONRAD, Joseph. **O coração das trevas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. p. 9-14.

SARAMAGO, José. **Da estátua à pedra e discursos de Estocolmo**. Belém: UFPA; Lisboa: Fundação José Saramago, 2013.

STEINER, George. **No castelo do Barba Azul**: Algumas notas para a redefinição da cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Artigo recebido em 31 de outubro de 2016. Aprovado em 23 de fevereiro de 2017.